

## Índice

1. Londres	9
2.	13
3. Nova Iorque	22
4. Londres	35
5. Mumbai	49
6. Londres	62
7.	72
8. Paris	77
9.	102
10. Berlim	104
11. Paris	112
12. O 18.º	124
13. Londres	129
14. Grécia	134
Notas de Tradução	153

1.

## LONDRES

No inverno de 2018, em janeiro, comprei uma pequena bananeira numa florista à saída da estação de Shoreditch High Street. Seduziram-me as suas enormes e trémulas folhas verdes, mas também as suas novas folhas ainda enroladas, à espera de se estenderem para o mundo. A mulher que a vendeu tinha pestanas postiças, voluptuosas e de um azul carregado. Na minha imaginação, as suas pestanas estendiam-se das lojas de *bagels* e das calçadas cinzentas do leste de Londres até aos confins dos desertos e montanhas do Novo México. As delicadas plantas de inverno na banca dela recordavam-me a artista Georgia O’Keeffe e o seu modo de pintar flores. Era como se nos estivesse a apresentar cada uma delas pela primeira vez. Nas mãos de Georgia O’Keeffe, tornavam-se estranhas, sexuais, inquietantes. Por vezes parecia que as suas flores tinham sustido a respiração sob o escrutínio do olhar dela.

Quando pegamos numa flor e a contemplamos de verdade, ela torna-se momentaneamente o nosso mundo. Quero dar esse mundo a outra pessoa.

Georgia O’Keeffe, citada  
no *New York Post*, 16 de maio de 1946

Ela tinha encontrado a sua casa definitiva no Novo México, um lugar para viver e trabalhar ao seu próprio ritmo. Como ela costumava dizer, era uma coisa que tinha mesmo de ter. Passou anos a restaurar aquela casa térrea de adobe no deserto, antes de se instalar finalmente. Há algum tempo, quando viajei até Santa Fé, no Novo México, em parte para ver a casa de O’Keeffe, lembro-me de sentir tonturas ao aterrar no aeroporto de Albuquerque. O meu motorista explicou-me que era porque estávamos a quase 2000 metros de altitude. Na sala de jantar do meu hotel, propriedade de uma família nativo-americana, havia uma grande lareira de adobe, embutida na parede e em forma de ovo de avestruz. Nunca tinha visto uma lareira oval. Era outubro e nevava, por isso trouxe uma cadeira para junto dos troncos em brasa e saboreei um copo de mescal cristalino e fumado, que me disseram ser um bom remédio para o mal das montanhas. A lareira curva fazia-me sentir bem-vinda e calma. Atraía-me para o seu centro. Sim, adorava este ovo ardente. Aquela lareira *era uma coisa que eu tinha mesmo de ter*.

Também andava à procura de uma casa em que pudesse viver e trabalhar e construir um mundo ao meu próprio ritmo, mas até na minha imaginação esse lar continuava vago, indefinido, não parecia real nem realista, ou faltava-lhe realismo. Ansiava por uma imponente casa antiga (acabava de juntar uma lareira oval à sua arquitetura) com uma romãzeira no jardim. Tinha fontes e poços, fabulosas escadarias circulares, mosaicos no chão, vestígios dos rituais de todos os que haviam morado nela antes de mim. Ou seja, era uma casa animada, que tinha gozado a vida. Era uma casa cheia de amor.

O desejo por esta casa era intenso, mas não conseguia situá-la geograficamente, nem sabia como obter uma casa tão espetacular com os meus rendimentos precários. Ainda assim, incluí-a na minha relação de bens imaginários, juntamente com duas ou três outras propriedades imaginárias mais pequenas. A casa com a sua romãzeira era a minha maior aquisição. Nesse sentido, tratava-se

mais de imaginário do que imobiliário. Curiosamente, sempre que tentava ver-me dentro desta imponente casa antiga, ficava triste. Era como se a busca em si de um lar fosse o objetivo e, agora que o tinha adquirido e essa busca terminara, já não sobrassem ramos para avivar o lume.

Entretanto tive de levar a minha nova bananeira num autocarro e no metro, de Shoreditch até ao meu degradado prédio na colina. A bananeira estava envasada e tinha cerca de trinta centímetros de altura. A florista das longas e voluptuosas pestanas postiças disse-me que, na sua opinião, a bananeira desejava uma vida mais húmida. O inverno estava a ser frio no Reino Unido, por isso concordámos que também nós ansiávamos por uma vida mais húmida.

Enquanto viajava de metro até Highbury & Islington, acrescentei outros pormenores à minha propriedade imaginária. Apesar da lareira em forma de ovo, a minha casa principal situava-se obviamente num clima quente, perto de um lago ou do mar. Uma vida sem nadar todos os dias não era uma vida que eu quisesse. Era difícil admitir, mas o oceano e o lago eram mais importantes para mim do que a casa. Na verdade, contentar-me-ia em viver numa humilde cabana de madeira à beira de um oceano ou de um lago, mas de certo modo desprezava-me por não ter sonhos mais ambiciosos.

Parecia que adquirir uma casa não era o mesmo que adquirir um lar. E, associada ao lar, havia uma questão que eu tentava rechaçar sempre que se aproximava demasiado de mim. Quem mais vivia comigo na imponente casa antiga com a romãzeira? Ou estava sozinha, apenas com a companhia da melancólica fonte? Não. Havia de certeza mais alguém ali comigo, talvez até a refrescar os pés na fonte. Quem era essa pessoa?

Um fantasma.

O meu plano para a bananeira era acrescentá-la ao jardim que tinha criado em três prateleiras da minha casa de banho. Sabia,

pelo modo como as suculentas apreciavam a sua vida de refugiadas no norte de Londres, que ela gostaria do vapor quente do duche. Sete anos depois de me ter mudado para lá, o meu prédio continuava por restaurar e os cinzentos corredores comunitários estavam num estado ainda pior de abandono. À semelhança do amor, precisavam urgentemente de restauro. A bananeira não se importou com o estado do edifício. Pelo contrário, pareceu entusiasmada com a mudança e começou a exhibir-se, desdobrando as suas enormes folhas estriadas.

As minhas filhas ficaram curiosas com a atenção que eu dava a esta planta. Ambas chegaram à conclusão de que eu estava obcecada com a bananeira porque a minha filha mais nova iria em breve para a universidade. Aquela árvore, disse-me a mais nova (de dezoito anos), era a minha *terceira filha*. A sua função era substituir a minha filha quando esta saísse de casa. Nos meses em que a planta foi crescendo, ela apontava para a árvore e perguntava-me: “Como está a tua nova filha?”

Em breve eu estaria a viver sozinha. Se já tinha construído uma vida diferente após me ter separado do pai das minhas filhas, parecia que em breve, aos cinquenta e nove anos, teria novamente de construir uma vida diferente. Não me apetecia pensar no assunto, por isso comecei a embalar algumas das coisas que queria levar para o meu novo barracão de escrita.

## 2.

Era literalmente um oásis construído entre palmeiras, fetos e bambus altos. Não queria acreditar nos meus olhos, nem na minha sorte. Em volta do meu novo barracão de escrita, que se erguia sobre um estrado de madeira, o jardim parecia uma floresta tropical. Aliás, devia ter oferecido a minha bananeira a este jardim, mas, como as minhas filhas tinham sugerido, ela tornara-se parte da família. O senhorio do meu barracão deu-me a chave do portão lateral do jardim, para que não precisasse de o incomodar na casa principal. No dia em que cheguei, ele tinha lá deixado um jacinto. O perfume era intenso e ao mesmo tempo acolhedor. Talvez fosse até um perfume violento. Desembalei três copos russos com suportes em prata, uma cafeteira de prensa, um frasco de café (100 % Arábica), duas tangerinas, uma garrafa de porto *ruby* autêntico (que sobrara do Natal), duas garrafas de água com gás, bolinhos de amêndoa italianos, três colheres de chá, o meu computador portátil e dois livros. E um adaptador, claro, desta vez uma tomada com quatro entradas. O senhorio do meu barracão, que tinha nascido na Nova Zelândia, plantara aquele jardim com gosto, imaginação, talvez até nostalgia. Pareceu-me que tinha recriado um pouco da Nova Zelândia naquela zona de Londres (NW8), ou seja, a sua terra natal assombrava aquele jardim londrino porque ainda o assombrava a ele.

Num festival literário na Áustria, tinha conhecido uma escritora romena que chegara sozinha à Suíça em 1987 como refu-